

## REVOLUÇÃO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO EM BAKUNIN E MARX

Jose Luiz Silva da Costa (autor); Iara Saraiva; Leticia Lucindo Queiroz.

UFC – Universidade Federal do Ceará [luizcostasilva@hotmail.com](mailto:luizcostasilva@hotmail.com); IFCE – Instituto Federal de educação Técnica e tecnológica [iarasairva@bol.com](mailto:iarasairva@bol.com); UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira [leticialucindo@outlook.com](mailto:leticialucindo@outlook.com)

### RESUMO:

O presente estudo aborda os conceitos de revolução, educação emancipação humana e suas relações. Objetiva-se com tal temática esclarecer à estrita relação entre a sociedade organizada em classes sociais antagônicas e os processos de luta, consciência, e educação que delas surgem. Tal trabalho é proposto a partir dos textos dos filósofos: Mikhail Bakunin e Karl Marx, demonstrando também as diferenças teóricas de suas teses e seus desdobramentos práticos. Bakunin descreveu de modo articulado a interdependência a relação entre Estado-Nação, modo de produção capitalista e império e demonstrou que estes são elementos da construção da educação e do saber dos de cima, que gera na relação inversa o processo de resistência coletiva desenvolvida pelos trabalhadores em defesa da emancipação do trabalho sobre o capital, gerando um conflito entre as formas integrais epistemológicas de dominação que devem ser superadas por formas igualmente integrais de emancipação, por meio da tomada do poder e do controle dos trabalhadores da vida econômica, política e educacional da sociedade. Isso se dá, no domínio no modelo educativo, que se baseia, sobretudo na compreensão do conhecimento como um constructo do trabalho e resistência coletiva, gerando uma Pedagogia sociopolítica a serviço dos de baixo. Em Marx a categoria emancipação passa a ter um sentido político-social, e é na crítica do estado burguês que se assenta sua crítica, que mesmo no raiar da modernidade ao se emancipar a religião do estado mantem-se a desigualdade e a exploração, baseadas na propriedade privada e nas classes sociais como seus pilares, e é a partir disso que a transformação das estruturas da sociedade através da organização social do proletariado como categoria e (força política organizada) força motriz impulsionadora das mudanças sociais e, portanto responsável pela sua própria emancipação. Essa reconstrução filosófica conduz a um sentido coletivo e político da emancipação humana, reafirmando uma concepção de educação capaz de construir no ser humano, consciência, organização e a sua humanidade plena. As duas propostas reconhecem e partem de um mesmo ponto, a saber: a divisão de classes, a exploração social, o poder transformador do trabalhador e da educação, entretanto divergem quanto ao modelo de educação, a tática e a estratégia para sua libertação e os agentes sociais que executam tal

ruptura sistêmica, e de tais divergências surgem experiências históricas diversas que se conflitam e se põe a prova na roda viva da história.

Palavras-chave: BAKUNIN, MARX, REVOLUÇÃO, EMACIAPAÇÃO,

## **INTRODUÇÃO:**

Este texto surge da necessidade de se entender as categorias revolução, educação e emancipação como sínteses dialéticas tanto para Bakunin quanto para Marx. Para os autores o processo revolucionário é a forma de emancipação dos sujeitos históricos (processo este mediado pela educação) e se dá na medida em que após a compreensão de que a categoria central ontológica que forma o mundo: O TRABALHO está disposto num conflito de classes em que a relação CAPITAL X TRABALHO se dá concretamente na forma: capitalistas (detentores dos meios de produção) X proletariado (detentores da força de trabalho), cabe, a classe explorada (a segunda) a tomada de consciência, a fuga da alienação, o engajamento social e político para alçar sua emancipação social, econômica e política. Os dois chegam à mesma conclusão em relação ao modelo emancipatório humano: A REVOLUÇÃO. Entretanto os dois apesar de identificarem aspectos comuns a sociedade de sua época e as vindouras, destoam de forma irreconciliável no modelo da organização, no problema da tomada do Estado e nos sujeitos revolucionários.

## **OBJETIVOS/METODOLOGIA:**

Partiremos de uma exegese crítica dos textos de Marx e de Bakunin e de seus comentadores para termos uma noção genérica da relação das categorias citadas e relacioná-las promovendo um debate entre nossos autores. Os objetivos do texto são expor as categorias supracitadas para os autores e coloca-las em confronto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

### **EDUCAÇÃO, EMANCIPAÇÃO E REVOLUÇÃO EM MARX:**

Para Marx a sociabilidade burguesa nega a humanidade do homem, mas, contraditoriamente, cria as condições para que o homem oprimido e explorado emergja e lute contra sua condição social. É nesse sentido que a revolução pode ser entendida como processo educativo, como movimento engendrado pelas possibilidades contraditórias da sociedade do capital. E, embora somente com a revolução a educação seja humanizante e libertadora, desde já a educação é uma via possível para

superar a alienação/estranhamento burguesa, ela não é o único, o processo educativo, nem surge isolada do conjunto dos processos sociais. Já que conforme MÉZÁROS (2006) “A transcendência positiva da alienação é, um ultima análise, uma tarefa educacional, exigindo uma ‘revolução cultural radical para sua realização’”.<sup>1</sup>

Para Marx na Crítica ao Programa de Gotha (2012), Marx salienta que é que o Estado burguês jamais oferecerá uma educação capaz de elevar a classe trabalhadora aos patamares elevados, assinalando que, a educação ideal para a classe trabalhadora é aquela autogerida e produzida por ela e, portanto, oposta a que lhe oferecem. Isso nos faz pensar que mesmo em meio às contradições do capital, quando a classe está organizada e se inicia uma práxis educativa, desde já se inicia uma nova forma de saber. Para tanto é necessário à emancipação social e política do ser humano que só se efetiva mediante a revolução para Marx.<sup>2</sup>

De acordo OLIVEIRA (1996) a educação, o trabalho e a necessidade da emancipação se dão devido aos conflitos e as contradições existentes na sociedade, tendo como base as relações de trabalho e de produção entre as classes sociais fundamentais e opostas. Já que as regras do jogo social são ditadas pela classe exploradora, detentora do capital, a técnica passa a ser submetida à política de manutenção do *status quo*, voltada principalmente para inverter a ordem real das coisas, como objetivo de passar a ideia de que é o capital por si que gera riquezas, sem necessitar da força de trabalho.

Percebe-se, a partir de então, um dispêndio de energia e capital pela classe capitalista, além de contar com os AIE (aparelhos ideológicos do Estado) segundo ALTHUSSER (1980)<sup>3</sup> para justificar a exploração e sua posição elevada, e se utilizando de todas as medidas possíveis para provar sua legitimidade e a necessidade de expansão e acumulação.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> (Mézaros, 2006:264, in Justino pág. 27).

<sup>2</sup> Tanto para a produção massiva desta consciência comunista como para a realização da própria causa, é necessária uma transformação massiva dos homens que só pode processar-se num movimento prático, numa revolução; que, portanto, a revolução não é só necessária porque a classe dominante de nenhum outro modo pode ser derrubada, mas também porque a classe que a derruba só numa revolução consegue sacudir dos ombros toda a velha porcaria e tornar-se capaz de uma nova fundação da (MARX, 1981 p. 51).

<sup>3</sup> ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença. 1980.

<sup>4</sup> Sobre a simbiose entre Estado e Capital no raiar da modernidade (teríamos que adentrar no debate sobre o Estado como realização da Razão e fim da racional da humanidade na história em



A sujeição do trabalho ao capital, quer dizer, dos trabalhadores ao patrão advém conforme OLIVEIRA (1996) do adestramento para a submissão da classe explorada a uma autoridade alheia (ao empregador). Isso se dá, porque o trabalho submetido ao capital é trabalho assalariado, e este é a principal forma moderna de trabalho alienado. Por isso urge a emancipação do capital para o homem realmente ser livre, conforme Marx em sobre a questão judaica:

A emancipação política de fato representa um grande progresso; não chega a ser a forma definitiva da emancipação humana em geral, mas constitui a forma definitiva da emancipação humana dentro da ordem mundial vigente até aqui. Que fique claro: estamos falando aqui de emancipação real, de emancipação prática (MARX, 2010, p. 41).

Consoante ENGUITA (1989), acostumar o espírito humano a render-se à autoridade alheia é a condição política e ideológica para aceitar como coisa natural e legítima que o não trabalhador detenha o capital e que o trabalhador se contente com a única opção que lhe resta, a penúria, o esforço físico e mental degradante e a venda de forma barata ao empregador de sua força de trabalho. Uma das dezenas de medidas de controle implementadas pelo sistema capitalista (nos moldes estatais modernos e hodiernos) é a própria escola organizar-se de maneira a impedir que os estudantes debatam, reflitam e descubram as trajetórias da exploração e da luta de classes, bem como, percebam que somente a ruptura pode transformar a sociedade. A autoridade burguesa (seja institucional privada ou pública) tendo a instituição como representante legítima pressionam os estudantes a aprender a dedicar seu tempo em permanente estado de disciplinamento para a submissão ao trabalho assalariado, isto transforma a escola numa fábrica onde se molda os futuros empregados e transforma:<sup>5</sup>

---

Hegel e na justificação do Estado pelos contratualistas), porém não iremos nos aprofundar aqui, pois o debate é extenso e vale um próximo trabalho, cabe dizer aqui que como no sistema vigente reprodutor de mercadorias a vontade do capitalista é suprema e, a qualquer sinal de possibilidade de um rompimento do status quo e desobediência (insurgências, greves) há uma ameaça de demissão (tendo em vista o enorme exército de reserva conforme nos aponta Marx e Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Expressão Popular, 2008) e se a normalidade não é restaurada apela-se para o braço armado (polícia, exército) de seu maior aliado, o Estado. Característica essa que se agudizou da consolidação do Estado Moderno com o Capitalismo, a detenção do uso da força (violência) para o controle social.

<sup>5</sup> Nos nossos dias isso é representado pelo gravíssimo projeto de lei intitulado: escola sem partido (PLS: 193/2016, PL 1411/2015) que limita o debate livre e o engajamento dos profissionais da educação, bem como inibe diversos conteúdos que podem causar uma centelha de consciência de classe nos estudantes e, tentar modificar o código penal para enquadrar o profissional da educação por “assédio ideológico”. Isto representa uma forte investida dos detentores do capital e de seus braços legais estatais (parlamentares, pastores, juízes, polícia) para inibir o debate

Aquilo que é de responsabilidade do capital, como o fracasso escolar e profissional, por exemplo, a instituição consegue transferir para os próprios trabalhadores, via estudantes, fazendo-os assimilarem e interiorizarem como responsabilidade pessoal sua o destino, a pouca sorte, a posição social desfavorável e a falta de oportunidades sociais. A autocupabilidade enfraquece a luta de classes e nutre a falsa imagem da existência de oportunidades iguais para todos. (OLIVEIRA, 1996, pp. 76-77).

### **EDUCAÇÃO, EMANCIPAÇÃO E REVOLUÇÃO BAKUNIN:**

No seu modelo educação integral Bakunin quer abolir a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual. Pois, até hoje nos foi legado que a escola reproduz a cisão trabalho e capital, ela separa as funções de concepção (trabalho intelectual), monopolizada pelo capital e suas direções, das funções de execução (trabalho manual) destinadas aos trabalhadores de base e aos estudantes. Para Bakunin a formação deve ser baseada nos alicerces da formação plena em que há o tempo dedicado à teoria e há o momento de sua execução prática, desta maneira, entronando o real e único produtor de riquezas existente no mundo, o proletário (operário/estudante/camponês) e fazendo emergir neste a consciência de sua classe e de seu poder.<sup>6</sup> Para Bakunin revolução e educação estão intimamente ligado, vê-se em sua palavras quando:

Os instrutores, os professores, os pais, todos são membros desta sociedade e estão mais ou menos embrutecidos e desmoralizados por ela. Como é que iriam dar aos alunos aquilo que a eles mesmos falta?! Só se prega bem a moral com o exemplo, e sendo a moral socialista, completamente contrária à moral atual, os mestres, necessariamente dominados mais ou menos pela última, fariam diante de seus alunos o contrário do que pregariam. Portanto, a educação socialista é impossível nas atuais escolas e nas atuais famílias. Mas a educação integral nesta sociedade é igualmente impossível: os burgueses não compreendem que seus filhos se tornem trabalhadores, e os trabalhadores estão privados de

---

crítico e, manter a escola sob uma rígida autoridade, preservando uma suposta “neutralidade” que há séculos beneficia os de cima e escraviza os de baixo.

<sup>6</sup> Bakunin afasta-se, desta maneira, de pensadores que ajudaram a alicerçar a ideia da escola (a educação) como defensora do capital, tais como: Platão e John Locke que primavam que o saber e os cargos de poder devem ser propiciados a quem tem o tempo livre.

todos os meios para dar a seus filhos uma instrução científica. (BAKUNIN, 2003, p.92).

Na obra de Bakunin estão articulados a crítica a sociedade burguesa que detém o monopólio do saber, da cultura, do capital e da propriedade privada; e a estratégia própria de superação dos trabalhadores de tal jugo. Para tanto a educação integral é uma etapa necessária para que o indivíduo produza e aprenda. Portanto, política, as classes sociais, a formação pedagógica das classes estão estreitamente relacionados formando uma relação dialética que aparece, também em Marx, como uma divisão entre Capital X trabalho e Capital/Estado.

Desta maneira, ele propõe sua teoria politico-organizativa que se dá de forma coletiva pautadas na liberdade e no federalismo e se exprime na sua organização-partido, a Aliança, e na organização de tipo-tendência AIT, com a construção do sindicalismo revolucionário, bem como a inter-relação entre política e economia, tanto na análise social como na sua proposta de intervenção política. Para ele, superação do capitalismo rumo a uma nova sociabilidade requer organização, educação, luta e revolução. É para os sujeitos reais concretos, o proletariado, que envoltos na querela Estado X Nação e Capital X Trabalho que se delineiam estas proposições. Bakunin cria suas propostas teóricas e organiza de forma prática tais organizações para aglutinar os explorados e, junto com eles se sublevarem-se e assaltar o poder.

Para Bakunin a revolução, é o único meio de trazer a emancipação econômico-social e política aos homens e deve surgir da aglutinação e da insurreição dos trabalhadores do campo e da cidade, já que é a relação com o trabalho (e o capital) que define a condição de classe conforme (FERREIRA, 2010). Os camponeses e os trabalhadores rurais estão na mesma condição popular (e popular é para Bakunin sinônimo de proletário) de classe. O trabalho enquanto relação coloca-os na mesma condição: necessidade de superar as restrições materiais impostas pelo mundo exterior, seja a natureza seja a ordem social capitalista. Para Bakunin o trabalho é uma categoria histórica (vinculada à exploração) e ontológica, já que faz parte do ser, sendo assim equivalente à ação

Na concepção anarquista-materialista de Bakunin, as categorias principais são as de ação, luta e combinação; não há portanto, nada pré-definido na ação humana e no mundo, são as relações de produção que geram as forças para a superação e manutenção do status quo. Bakunin concorda com vários aspectos da teoria econômica de Marx, entretanto discorda de maneira visceral do modelo de revolução e dos agentes que iriam atuar ativamente nesta, e logo discorda do modelo sócio educativo que iria brotar dali.

## **BAKUNIN X MARX: UMA QUERELA QUE TRANSFORMOU OS MODELOS ORGANIZATIVOS E AS LUTAS DE CLASSES DOS TRABALHADORES ATÉ HOJE.**

A partir de Bakunin e Marx podemos perceber como a origem de classe e as atividades concretas dos homens produzem as condições de sua existência e determinam a formas e possibilidades de desenvolvimento de sua consciência. Neste entendimento a cisão entre os dois autores e do movimento operário em geral estão ligadas as diferentes experiências de inserção teórico e prático de Bakunin e Marx nas respectivas estruturas de classes e a forma como eles reagiram e interpretaram essas estruturas e como desenvolveram suas atividades. Sabemos que os dois se conheceram e militaram juntos dentro da AIT<sup>7</sup> até sua ruptura no congresso de Haia em 1872.

De acordo com (FERREIRA, 2010)<sup>8</sup> As diferenças na interpretação da natureza (econômica, ideológica) do proletariado e do papel a ser desempenhado pelo campesinato derivavam de diferentes conceptualizações de trabalho e de revolução. De um lado Marx numa perspectiva Estatista (centralista) e de outro Bakunin com uma visão Federalista (antiautoritária).

A luta de classes se dá na dá história real dos povos que estão construindo e produzindo nosso mundo e, portanto, a dominação e a resistência também. Neste sentido, cada concepção distinta de mundo, da exploração, da educação e da revolução/libertação carregam em si uma cosmovisão, um modelo organizativo, e uma práxis libertadora distinta. Por isso, temos de um lado o liberalismo e de outro O modelo estatista marxista X modelo antiestatista Bakuninista. Os últimos dois modelos se opõem ao primeiro já que visam a destruição daquele, pois este é responsável por dar suporte teórico e prático a manutenção do capital, porém há contradições entre as duas propostas inconciliáveis que exporemos de forma genérica aqui: Para Marx:

- 1) A revolução deve ser etapista, deve-se acelerar as etapas do desenvolvimento econômico (industrializar) para gerar a proletarização e, a exploração aumentará, e com ela o proletariado surgirá, depois este assaltará o poder na ditadura do proletariado, etapa de

---

<sup>7</sup> AIT órgão internacional criado em 1864 para aglutinar a luta de todos os trabalhadores do mundo e que era composto por todos os setores e tendências da classe trabalhadora (blanquistas, proudhonistas, bakuninistas, social-democratas), e que tem a ruptura entre centralistas e antiestatistas em 1872. Ver: (MARCELLO, 2014, p. 29)

<sup>8</sup> Como pode se verificar em “Fora do âmbito próprio do marxismo – mas nos marcos do movimento operário do século passado – cabe destacar, em primeiro lugar as críticas anarquistas (sobretudo as de Mikhail Bakunin) ao socialismo autoritário de Marx (Fernandes,2000, 1997).

transição ao comunismo. Isto é condição preliminar do socialismo. Tal argumento por vezes levou diversos marxistas a crer que há um caráter revolucionário na burguesia.

- 2) O sujeito revolucionário é o proletariado industrial (fabril).<sup>9</sup>
- 3) A revolução se dará nos países industrializados no centro do capitalismo.
- 4) A sociedade se organizará com a centralização dita “democrática” na ditadura do proletariado (com a centralização do poder do Estado nas mãos da vanguarda do partido operário) e, no segundo momento na superação do Estado e na associação dos produtores.
- 5) A educação deve dentro do quadro social vigente educar para a libertação política, porém a educação libertadora viria da revolução.

À medida que para Bakunin:

- 1) A revolução tem o caráter violento de tomada do poder e destruição Estado, não se deve manter a burocracia estatal, pois criará um novo setor burocrático que irá reavivar a exploração.
- 2) Os sujeitos revolucionários são todos os explorados e somente a aliança operário-camponesa poderia pôr fim ao capitalismo.
- 3) A revolução se dará da periferia para o centro do capitalismo.<sup>10</sup>
- 4) A sociedade se organizará de forma federalizada, na qual o poder da sociedade partiria de baixo para cima e da periferia para o centro e não inverso, de cima para baixo, como é a lógica estatal. E o Estado deve ser abolido sem etapas e sem criar burocracias ditatoriais, para isso a solidariedade entre o campo e da cidade devem ser postas em prática numa livre associação de produtores.
- 5) A Educação deve formar o sujeito completo (trabalho manual e trabalho intelectual).

---

<sup>9</sup> [a revolução industrial] desenvolveu por toda a parte o proletariado na mesma medida em que desenvolveu a burguesia. Na proporção em que os burgueses se tornavam mais ricos, tornavam-se os proletários mais numerosos. Uma vez que os proletários somente por meio do capital podem ter emprego e o capital só se multiplica quando emprega trabalho, a multiplicação do proletariado avança precisamente ao mesmo passo que a multiplicação do capital (...) Deste modo, ela prepara, por um lado, com o descontentamento crescente e, por outro lado, com o poder crescente do proletariado, uma revolução da sociedade pelo proletariado. (Marx, 1982, [1847]).

<sup>10</sup> Ver : De Baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin. FERREIRA E TONNIATI (2014).



Neste sentido tanto Marx quanto Bakunin concordam que o sistema interestatal capitalista como um sistema totalizante, que imbrica as forças político-econômico-ideológicas e que mesmo marcado por particularidades congrega leis imanentes de concentração/monopólio político-econômico-cultural.

Para Marx o campesinato por gerar uma produção isolada, insular não aglutina as forças da transformação, por isso, pelo fato do proletariado industrial ser o produto de uma divisão do trabalho mais complexa, que produz uma forma de trabalho mais complexa e multiplica relações sociais, que o proletariado industrial estaria condicionado enquanto sujeito histórico a ser o portador do comunismo e seria a força principal dessa revolução. No auge da polêmica na AIT em 1872, Bakunin apresenta uma crítica do conjunto da teoria marxista em que apresenta, por exclusão, a sua própria perspectiva:

Chegou-se ao ponto de Lassalle não hesitar em proclamar bem alto que a derrota formidável dos camponeses da Alemanha no século XVI, derrota deplorável se o foi, e da qual data a escravidão secular dos alemães – e o triunfo do Estado despótico e centralizado que foi sua consequência necessária, constituíram um verdadeiro triunfo para esta revolução; visto que os camponeses, dizem os marxianos, são os representantes naturais da reação, enquanto o Estado militar e burocrático moderno – produto e acompanhamento da revolução social que, a partir da segunda metade do século XVI, começou a transformação lenta, mas sempre progressiva da economia feudal ou agrária na produção das riquezas, ou, o que quer dizer a mesma coisa, em exploração do trabalho popular pelo capital – foi uma condição essencial dessa revolução (Bakunin, 1989, p.83).

Bakunin também preconiza que o campesinato é um setor estratégico e carrega em si em unidade com os demais setores explorados o germen da emancipação, a relação de troca entre produtores da cidade e do campo é parte essencial da estratégia revolucionária.

Conforme Ferreira (2014) a crítica do economicismo e do industrialismo, presentes, segundo Bakunin, na teoria da socialdemocracia e do comunismo, estava levando a uma política excludente aos campesinato e extremamente eurocêntrica (países mais industrializados). Assim, ao formato determinista etapista do marxismo, Bakunin opõe a dialética entre política e economia, o que é um

desdobramento necessário da dialética entre autoridade e liberdade, seu corolário ou pressuposto, e descortina o grande debate que os divide:, a saber: ESTATISMO (CENTRALISMO) x ANARQUIA (FEDERALISMO) e faz com que as experiências históricas tenham tido sua razão e suas consequências.<sup>11</sup>

É neste contexto que a o Estado moderno está se consolidando e com ele o imperialismo e a expansão da burguesia como classe internacional que detém os meios de produção na mesma escala (...) e com a enorme migração campo-cidade, as enorme fábricas produtoras de mercadorias, a modernização da maquinaria (advinda das revoluções industriais) e, o aumento no número de famintos se deu o campo perfeito para a investida capitalista sobre os explorados, e Bakunin enxerga naquele momento que deve haver uma contraofensiva em escala global para que os de baixo tomem o poder, e susbstiutam a modo de produção, as relações sociais e a educação dos filhos povo.

Sobre a crítica de Bakunin a educação burguesa, entendemos que a escola é reprodutora das desigualdades sociais e mantém-se num modelo rígido, teórico e ideológico, além de dissociar trabalho e aprendizagem para reproduzir os sujeitos alienados e mão de obra barata para o império o capital/Estado. Somente a revolução irá dar uma plena educação aos de baixo.

## **CONCLUSÃO:**

Percebemos que há premissas em comum entre Bakunin e Marx, e neste sentido. Os dois caminham lado a lado ao pensar que a emancipação social, política e econômica é o norte da vida humana e isso se dará pela organização e revolução (tomada de poder dos explorados), porém, os caminhos que levarão os sujeitos históricos a uma vitória ou derrota na sua luta são diferentes para os dois autores. Para Marx o Estado deve ser tomado , para em seguida destruído, Para Bakunin isto levará a um socialismo sem liberdade (com tirania) o que pode levar a restauração da

---

<sup>11</sup> Tal debate sobre as revoluções históricas são um assunto profundo e extenso e não nos propomos a este debate aqui, entretanto cabe salientarmos neste caso de um lado se coloca a perspectiva centralista: a revolução chinesa (1949), russa (1917), cubana (1961) e sua perspectiva de tomada do Estado e sua posterior burocratização degeneração. E de um outro lado a perspectiva federalista: a guerra civil espanhola (1936), a makchnovtchina na Ucrânia (1921) e nos tempos de hoje a revolução em Rojava no norte na Síria (2011-), onde ocorre uma violenta guerra civil, encabeçada pelas guerrilhas populares curdas e pelo PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão). Também não se pode deixar de destacar que todas as revoluções supracitadas ocorreram na periferia do capitalismo e tendo o campesinato e o proletariado não integrado ao sistema como força motriz, o que acompanha a tese Bakuninista de que a revolução se dá da periferia para o centro.

exploração e do capital. Para Bakunin a revolução é integral, o Estado deve ser destruído para que reine o socialismo e a liberdade.

## REFERÊNCIAS:

ABRUNHOSA, Rafael David. *Fundamentos político-pedagógicos a partir do pensamento de Mikhail Bakunin*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, UFC, Centro de Humanidades, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, 2015.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

BAKUNIN, Miguel. *Consideraciones filosóficas*. 2ª Edición cibernética, 2003a.

Disponível em: <http://www.antorcha.net/> Acesso em: dez. 2008.

\_\_\_\_\_. *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Imaginário, 2003.

\_\_\_\_\_. *Federalismo, socialismo y antiteologismo*. 2ª Edición cibernética, 2003b. Disponível em: <http://www.antorcha.net/> Acesso em: dez. 2008.

De Baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin. Organização de Andrey cordeiro Ferreira e Tadeu Bernardes de Souza Tonniati. Niterói: Alternativa, 2014.

DROZ, Jacques. *História Geral do Socialismo*. Vol. 3. Lisboa: Horizonte, 1972.

ENGUITA, M. F. *A face oculta da escola. Educação e trabalho no Capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

\_\_\_\_\_. *Trabalho, Escola e Ideologia – Marx e a crítica da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. *Trabalho e ação: o debate entre Bakunin e Marx e sua contribuição para uma sociologia crítica contemporânea*. Em Debate: Rev. Dig. Florianópolis, n. 4, p. 1-23, 2010.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SOUSA JUNIOR, Justino de. Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo destrutivo do capital. São Paulo: Idéias e Letras, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: Feuerbach – A contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista*. São Paulo: Martim Claret, 2006.

\_\_\_\_\_. O 18 de Brumário de Louis Bonaparte. 2ª ed. Lisboa: Avante!, 1984.

\_\_\_\_\_. Crítica do programa de Gotha. São Paulo: Boitempo, 2012. MARX, Karl. Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma de social” de um prussiano. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Expressão Popular, 2008. MARX, Karl. Sobre a questão judaica. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. Princípios Básicos do Comunismo. Lisboa: Avante!, 1982.

MARCELO, Musto. *Trabalhadores do mundo uni-vos! : antologia política da I Internacional*. São Paulo: Boitempo, 2014.

OLIVEIRA, José cordeiro de. Educação política e alienação das classes trabalhadoras: um estudo a partir das Histórias de Trancoso. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.